



UEPB
Universidade
Estadual da Paraíba

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES**

MARIA DO LIVRAMENTO PAULA DA SILVA

O DISCURSO PRODUZIDO PELO SILÊNCIO EM VIDAS SECAS

**CAMPINA GRANDE
2016**

MARIA DO LIVRAMENTO PAULA DA SILVA

O DISCURSO PRODUZIDO PELO SILÊNCIO EM VIDAS SECAS

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito para obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras, habilitação em Língua Portuguesa, pelo Departamento de Letras e Artes do Centro de Educação da Universidade Estadual da Paraíba.

Orientação: Prof^o Dr. Ricardo Soares da Silva

**CAMPINA GRANDE
2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586d Silva, Maria do Livramento Paula da
O discurso produzido pelo silêncio em *Vidas secas*
[manuscrito] / Maria Do Livramento Paula da Silva. - 2016.
26 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.
"Orientação: Prof. Dr. Ricardo Soares da Silva, Departamento
de Letras e Artes".

1. Análise do Discurso 2. Literatura Brasileira 3. Silêncio I.
Título.

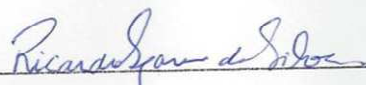
21. ed. CDD 401.41

MARIA DO LIVRAMENTO PAULA DA SILVA

O DISCURSO PRODUZIDO PELO SILÊNCIO EM VIDAS SECAS

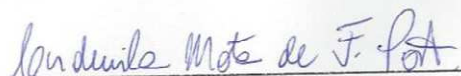
Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito para obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras, habilitação em Língua Portuguesa, pelo Departamento de Letras e Artes do Centro de Educação da Universidade Estadual da Paraíba.

APROVADO EM: 19/05/2016

 8,5

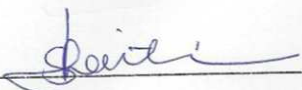
Profº Dr. Ricardo Soares da Silva (Orientador)

Universidade Estadual da Paraíba

 8,5

Profº Dra. Ludmila Mota de Figueiredo Porto (1ª Examinadora)

Universidade Estadual da Paraíba

 8,5

Profº Ms. Jonas Jeferson de Souza Leite

Universidade Estadual da Paraíba (2º Examinador)

*“O silêncio...
nem sempre é sinal de falta de palavras e sim o excesso delas”*

Lara Kastro

AGRADECIMENTOS

A Deus, força maior que rege a minha vida e me enche de amor e paz todos os dias. A ti Senhor, toda honra e glória, sempre.

Aos meus pais, Maria de Lourdes e Antônio, que nunca mediram esforços para que eu pudesse estudar e sempre me ensinaram o caminho do bem.

Às minhas irmãs, por sempre me apoiar e ajudar nos mais diversos momentos de vida. Se pudesse escolher, as queria novamente como meu sangue.

Aos meus grandes e leais amigos por estarem sempre ao meu lado e compartilhar minhas alegrias ou tristezas, em especial a Lela, Taty e Edgley por sempre ouvir meus aperseios durante a escrita torcendo pra dar tudo certo.

À minha amiga/companheira Verônica, ou simplesmente Vé, como carinhosamente eu a chamo. Ao longo de todo o percurso acadêmico você foi meu melhor exemplo de perseverança, dedicação e amizade verdadeira. Obrigada por ter entrado em minha vida. Agradeço também a seu marido Antônio por ser tão paciente comigo e me ajudar tanto.

A meu amigo/amor Gustavo, por me dedicar todos os dias a mais sincera, divertida e verdadeira amizade. Você é um presente de Deus em minha vida.

À Jocielle e a Geise, por terem aberto as suas casas e terem me acolhido no momento em que eu mais precisei me dedicando amizade e companheirismo.

À Ester e D. Josélia, por terem sido tão generosas e terem me dado um segundo lar em Campina, cheio de amor. Ao lado de vocês nunca me senti desamparada. Vocês são a segunda família que Deus me permitiu ter e elas quero pra vida toda.

A meu orientador Ricardo, a pessoa mais gentil e amável que conheço. Obrigada pela paciência, carinho e ensinamentos na construção do meu trabalho.

Por fim, a minha querida UEPB, lugar onde vivi bons momentos ao lado dos meus colegas de graduação e que viabilizou a realização do sonho de me tornar professora.

O DISCURSO PRODUZIDO PELO SILÊNCIO EM VIDAS SECAS

SILVA, Maria do Livramento Paula da¹

RESUMO

Este estudo destina-se a analisar o discurso explicitado pelo silêncio na obra *Vidas Secas*, (1977) de Graciliano Ramos, publicada em 1938. Nessa perspectiva, vamos analisar a família de retirantes, a partir das situações de interação entre eles e com o meio em que estão inseridos, atentando para a importância que a linguagem desempenha na obra, considerando as produções discursivas pelo viés da Análise do Discurso. Entender os discursos emitidos pela fala limitada, ou até mesmo pela ausência das palavras de Fabiano e sua família, como forma de crítica social, face às injustiças em meios as quais a família é lançada. A abordagem implica também considerar os fatores históricos, políticos, sociais, ideológicos e culturais que permeiam tais produções, a partir da análise do “silêncio” apresentado por estes retirantes, como forma de revelar o desamparo social e discursivo em que vivem. Tomamos como apoio teórico os estudos de Fernandes (2008); Orlandi (2007); Ramos, MD. (2009); Ramos, G. (1977); Silva, M. (2001) e Silva, J. (2014)

Palavras – chave: Análise do discurso. Silêncio. Vidas Secas

1. INTRODUÇÃO

O sofrimento, as injustiças sociais e, sobretudo, as dificuldades encontradas diariamente pelo povo nordestino no tocante à dura realidade e desamparo social a que foi submetido, servem de pano de fundo para Graciliano apresentar, em 1938, o romance *Vidas Secas*. A obra é composta por treze capítulos que narram a trajetória de uma família retirante, marcada pelas dificuldades advindas da natureza e da opressão praticadas pelas camadas sociais dominantes.

Nesse contexto, a análise da obra nos leva a perceber como o autor busca explorar a condição de extrema pobreza em que os personagens vivem, resultando numa degradação física, moral e, principalmente, social, ao passo que são frequentemente silenciados e postos à margem da sociedade.

Ao enfatizar a fome, a falta de moradia digna, a opressão do patrão, do governo, bem como a falta da expressão por meio da palavra, a narrativa lança Fabiano e sua família ao descaso tanto no campo social quanto discursivo, uma vez que se tornam seres oprimidos e submissos justamente por não saber usar a linguagem para se defender.

2- Posição Social Das Personagens

Vidas Secas é ancorada numa temática social que aponta os problemas do sertanejo e do sertão nordestino, passando por um viés psicológico, ao passo que revela as personagens de “dentro” para fora. Há, contudo, uma descrição socioeconômica tratando a questão da extrema pobreza e do desamparo em que elas vivem, uma vez que são desprovidas de todo tipo de assistência e de oportunidades na vida. Também, há uma construção discursiva desse panorama social das personagens, uma vez que trata da linguagem ou de sua falta, de forma tão significativa.

A obra caracteriza-se como uma das obras ficcionais que muito bem reportam a realidade nordestina, ao passo que expõe problemas sociais até então vigentes e, ao expô-los, transpassa reconhecimento a muitas pessoas em igual situação, que também sofre com a seca, miséria e com a desigualdade social.

O narrador objetiva a cada capítulo e a cada personagem retratado linguística e simbolicamente fazer um apanhado social cuidadoso da família de retirantes. É por meio do discurso indireto livre, viabilizado pela presença de um silenciamento das vozes dos sujeitos analisados, que o narrador/enunciador valendo-se da terceira pessoa, evidencia as aspirações, angústias, desejos, medos, revoltas, frustrações, conformidades e, primordialmente, as mazelas suportadas por cada um, à custa de muito sofrimento e descaso.

Percebemos ao longo dos capítulos a sequidão existente na região, nas personagens e, acima de tudo, em seus sentimentos. De acordo com Silva (2001, p.19), a família carrega em si a segura que a impede de demonstrar carinho, afeto e qualquer forma de relação baseada em sentimentos: “foi puxar a manga do vestido da mãe, desejando comunicar-se com ela, Sinhá Vitória soltou uma exclamação de aborrecimento” (RAMOS, 1977,p.51).

Nesse instante, observa-se que o menino tenta comunicar-se com a mãe. O próprio gesto de puxar sua roupa aponta para o fato dele querer iniciar um tipo de conversa pelos meios que ele encontra, sendo neste caso o toque, já que a palavra é difícil. Tocar a mãe é, naquele momento, a forma mais direta de tentar mostrar pra ela que ele precisa se comunicar, que ele tem algo a dizer ou a escutar, mas, mesmo assim, é reprimido por Sinhá Vitória.

Ao longo da narrativa, mesmo quando as personagens realizam um gesto de amor para com o outro, ou pronunciam uma palavra que expresse carinho, rapidamente a atividade é repreendida como se fora, naquele momento, imprudente. Sinhá Vitória agiu assim quando repreendeu o filho.

A exclamação de aborrecimento que soltou foi uma forma de repreensão que, na verdade, mais parece uma forma de significar que ela também não sabe se comunicar com ele. É como se ela mostrasse que assim como o toque do filho iniciara uma conversa sem palavras, a exclamação a encerrasse também por falta da palavra.

Supõe-se, então, que tais indivíduos vão se tornando secos também por dentro e suas atitudes ásperas são o resultado de uma vida miserável, regada por uma intensa desvalorização e opressão social. Ao considerarmos as personagens, conseguimos reconhecer o sofrimento e abandono social a que foram entregues.

Fabiano é vaqueiro, homem simples, de traços e expressões grosseiras “Fabiano curou no rasto a bicheira da novilha raposa “Levava no ai ó um frasco de creolina, e se houvesse achado o animal, teria feito o curativo ordinário” (RAMOS, 1977, p.18). Nota-se que o retirante desempenha o trabalho de vaqueiro com satisfação. Tenta resolver os problemas com os animais, coisas de seu ofício de vaqueiro, e sente-se orgulhoso por isso.

O retirante apresenta uma imensa dificuldade em articular as palavras para expressar-se com a família e com todos os outros. Tal escassez da linguagem o encaminha para um isolamento linguístico e social. Por vezes, até compara-se a animais: “- Você é um bicho, Fabiano”. (RAMOS, 1977, p.19).

Em autorreflexão, Fabiano profere enuncia tais palavras num momento em que se sente extremamente inferiorizado pelo fato de não possuir sua terra própria e apenas cuidar das coisas alheias. O sentimento de inferioridade é grande ao passo que ele tem consciência de que vive na terra dos outros, cuida dos animais dos outros e, no seu íntimo, é como se soubesse que jamais passaria daquilo.

Conforme podemos depreender da leitura do romance, o narrador caracteriza Fabiano na condição de animal e, uma vez estando a personagem no mesmo nível dos animais, não poderia ser diferente com a fala, através da qual na maioria das vezes, utiliza: onomatopeias e grunhidos para se comunicar. É, pois, uma estratégia de denúncia que o autor traz como marcas discursivas na narrativa.

Ele não sabe articular palavras, não sabe se impor perante os “brancos”, enfim, consoante à narrativa é a representação fiel de um homem entregue à própria sorte. Fabiano chamava de brancos as pessoas escolarizadas, portadoras da palavra, coisa que ele não era, porque não a possuía plenamente.

O retirante demonstra sempre estar dividido entre a revolta e a passividade, sendo essa última a sua frequente opção e, por conseguinte, a causadora de grande parte de sua exclusão e assujeitamento às fatalidades da vida.

Sinhá Vitória— representa a dona de casa preocupada com a família e com a garantia de um bom futuro para os filhos. De acordo com o narrador, ela é uma mulher que, apesar de toda adversidade enfrentada, procura sempre entender e apoiar o marido em suas decisões.

A esposa do vaqueiro representa a típica sertaneja que se adapta à vida que lhe é proporcionada, contudo, almeja melhores condições de vida com acesso à educação para seus filhos e estabilidade para sua família. Paradoxalmente, ela apoia sem contestar as decisões do marido como se verifica a seguir:

Sinhá Vitória percebeu-lhe a inquietação na cara torturada e levantou-se também, acordou os filhos, arrumou os picuás. Fabiano retomou o carrego. Sinhá Vitória desatou-lhe a correia presa ao cinturão, tirou a cuia e emborcou-a na cabeça do menino mais velho, sobre uma rodilha de molambos. Em cima pôs uma trouxa. Fabiano aprovou o arranjo, sorriu, esqueceu os urubus e o cavalo. Sim senhor. Que mulher! (RAMOS, 1977, p.133).

No último capítulo “FUGA”, é ela quem serve de âncora para que o marido encoraje-se e migre mais uma vez em busca de um lugar melhor para viver e, com isso, deixe de ser apenas um empregado explorado pelo patrão, garantindo, assim, oportunidade de crescimento para todos.

Ao longo da narrativa, Sinhá Vitória apresenta atitudes ásperas. Por muitas vezes também acuada, mas, principalmente apresentando uma sobriedade face às injustiças que sua família sofre diariamente.

é uma mulher com perfil psicológico mal-humorada, (vivia com os azeites segundo o narrador); supersticiosa, inquieta, de atitudes discretas. Demonstra ter percepção nítida da injustiça em que vivem. É ela quem percebe as trapaças do patrão fazendo as finanças da família. (SILVA, 2001, p.15)

O narrador nos sugere que Sinhá Vitória é a que mais tem tempo para pensar “como já não se estazava em serviços pesados, gastava um pedaço da noite parafusando” (RAMOS, p. 47). Logo, é a que melhor se expressa na família dentro do limite de vocabulário que conhece, trazendo consigo uma possibilidade de despertar no marido o desejo da tão sonhada ascensão social.

O trecho supracitado permite que o leitor enxergue Sinhá Vitória como o único membro da família que consegue elaborar alguma reflexão. . A esposado retirante já não se desgasta tanto nos seus serviços domésticos e, assim, pode ter um tempo para seus pensamentos. O narrador nos sugere que ela tem total consciência de que sua família é

explorada e de que é necessário que eles migrem para outro local em busca de melhores condições de vida.

Os filhos que o casal possui são chamados de “Menino mais velho” e “Menino mais novo”. A referência feita aos meninos é também uma estratégia de denunciar uma infância nordestina bastante sofrida. As crianças de *Vidas Secas* são entregues ao anonimato, sem vez e principalmente sem voz fadadas a um destino miserável e que, até pela ausência dos próprios nomes, intensifica o caráter de denúncia e exclusão que Graciliano nos apresenta, através do relato dessas *Vidas Secas*.

Nesse âmbito, supomos que os meninos do romance e/ou as crianças nordestinas não precisam de nomes. São, pois, insignificantes para a sociedade e distantes de seus direitos, dos direitos que não possuem na materialidade de sua existência.

Eis, então, mais uma forma de silenciamento. O apagamento da identidade das crianças, constitui a representação do silêncio a partir do pressuposto de que (de acordo com a conjuntura histórico/social) esse apagamento da identidade representa um anulamento do sujeito discursivo, mostrando que ele é insignificante diante de suas condições de produção.

Ambos acompanham o drama da família diante do ir e vir em busca de uma vida mais digna. Assim como as outras personagens, os dois meninos também nutrem aspirações particulares. O Menino mais novo identifica-se e deseja ser como o pai que também como seu avô, era vaqueiro.

Tal desejo é alimenta a identificação com coragem, orgulho e admiração pelo pai, procurando ser como ele. “E precisava crescer, ficar tão grande como Fabiano, matar cabras a mão de pilão, trazer uma faca de ponta à cintura. Ia crescer, espichar-se numa cama de varas, fumar cigarros de palha, calçar sapatos de couro cru”. (RAMOS, 1977, p.56).

Nota-se a vontade de ser parecido com o pai. O menino mais novo é ideologicamente condicionado à influência do pai. A criança tem essa necessidade despertada ao ver Fabiano montar uma égua alazã. Verificamos, então, um determinismo social, uma vez que o destino do avô foi o do pai e certamente será o dos filhos. Para o menino mais novo ser um vaqueiro forte como Fabiano, viver cuidando do gado, amansando bicho bravo, era motivo de orgulho.

Já o Menino mais velho demonstra uma constante inquietação própria da criança. A escassez da linguagem presente na família o fazia curioso, desejoso de conhecer palavras e significados novos como o da palavra “inferno” que, ao ouvir pela primeira vez através de uma mulher que a pronuncia numa reza para tentar curar a dor de coluna de Fabiano, tentou incansavelmente saber o que representava:

Estranhando a linguagem de Sinhá Terta, pediu informações. Sinhá Vitória, distraída, aludiu vagamente a certo lugar ruim demais, e como o filho exigisse uma descrição, encolheu os ombros... Ai Sinhá Vitória se zangou achou-o insolente e aplicou-lhe um cocorote (RAMOS, 1977, p. 57)

O Menino mais velho encantara-se com a palavra de forma que não aceitava seu significado representar coisa ruim. O menino associou a palavra à beleza e ao encantamento do mundo infantil.

Apesar dos sofrimentos já passados, sua vida agora era boa, alegre e não aceitara então a definição dada pela mãe. “todos os lugares conhecidos eram bonitos: o chiqueiro das cabras, o curral, o barreiro, o pátio, o bebedouro - mundo onde existiam seres reais, a família do vaqueiro e os bichos da fazenda” (RAMOS, 1977, p. 60).

Subtende-se a partir das impressões do menino mais velho que a vida atual na fazenda está sendo promissora à família de Fabiano, apesar de todas as dificuldades vivenciadas. Através da personagem infantil, o narrador traça um paradoxo com as condições de vida da família retirante. Comparando-se ao que já sofreram, hoje o Menino mais velho sente-se feliz onde vive, brinca e se realiza como criança.

Tal impressão exteriorizada pelo menino mais velho pode ser verificada a partir do imaginário infantil, uma vez que seu universo ingênuo mantém-se e se apresenta-se na narrativa de forma despreocupada com os direitos e assistências que deveriam lhes ser asseguradas pelos governantes mas que não são.

Os filhos de Fabiano designam uma identidade coletiva, representada através do anonimato, e da condição de criança, evidenciando mais uma forma de se realizar discursivamente a crítica e a denúncias sociais através do silenciamento a que essas crianças são submetidas, uma vez que parecem não compreenderem a realidade política, econômica e social na qual estão inseridas.

Logo, a narração do romance pode ser compreendida como uma atividade verbal que coloca as personagens em silêncio para que sejam “caladas” por uma voz enunciativa que retrata os seus dizeres, suas ações e comportamentos, numa dada conjuntura em que os meios de produção já se encarregam de as silenciar. As personagens são silenciadas e entregues a sua própria sorte, considere, aqui, o fato de a obra começar e terminar nesse movimento cíclico, a busca de um lugar para a família de retirante se estabelecer .

Ao começar o livro com um capítulo intitulado “Mudança” e finalizá-lo com um capítulo intitulado “Fuga”, Graciliano mostra ao leitor que, na verdade, apesar das tentativas e esperanças de encontrar um pouso na vida, a família de retirantes não têm nenhuma garantia

de que vão conseguir realizar tal projeto e, conseqüentemente, seguem rumo a seu destino tão familiar que é a frequente migração em busca de melhores condições de sobrevivência.

3 -Posição Geográfica das Personagens

Fugindo da exploração de um patrão opressor, como também das dificuldades advindas da seca e, por conseguinte, de todas as formas de desgraça por ela trazida, Fabiano parece carregar em seu próprio corpo e jeito de ser essa aridez característica das regiões nordestinas: “E, pensando bem, ele não era homem: era apenas um cabra ocupado em guardar coisas dos outros. Vermelho, queimado, tinha os olhos azuis, a barba e os cabelos ruivos” (RAMOS, 1977, p.19)

O vaqueiro assemelha-se à própria terra, queimada pelo sol. Ele é avermelhado em tom de pele, barba e cabelos. Além de mãos grossas e ásperas, possui calcanhares duros como cascos que, devido a tantas caminhadas a procura de um pouso definitivo, para ele e a família, por vezes chega a sangrar.

As rachaduras apresentadas nos pés do vaqueiro representam, também, o próprio chão do sertão. Nessa ótica, espaços e sujeitos estão misturados um ao outro de maneira que não são vistos separadamente. “Era mais forte que tudo isso (...) era como as catingueiras e as baraúnas. Ele, Sinhá Vitória, os filhos e a cachorra Baleia estavam agarrados à terra (RAMOS, 1977, p.20)

Quando tais personagens são por vezes descritos como a própria vegetação da caatinga, supõe-se que o narrador manifesta uma caracterização da própria seca marcada em Fabiano e sua família, que passam a se assemelhar as às catingueiras e baraúnas, denunciando por metonímia o processo de naturalização desses seres humanos ao sertão descrito.

As paisagens descritas em *Vidas Secas* assemelham-se com o Nordeste real. Suas terras na maioria das vezes são secas, por vezes até improdutivas e, quando não são, certamente já pertencem a alguém que se valerá do trabalho braçal dos menos favorecidos financeiramente para cultivá-las e fazê-las render mais e mais, regadas à exploração.

Fabiano recebia na partilha a quarta parte dos bezerros e terça parte dos cabritos. Mas como não tinha roça e apenas se limitava a semear na vazante uns punhados de feijão e milho, comia da feira, desfazia-se dos animais, não chegava a ferrar um bezerro ou assinar a orelha de um cabrito [...] Pouco a pouco o ferro do proprietário queimava os bichos de Fabiano. E quando não tinha mais nada para vender, o sertanejo endividava-se. Ao chegar a partilha, estava encalacrado, e na hora das contas davam-lhe uma ninharia. (RAMOS, 1977. p. 98-9)

Fabiano não possuía terras e, para manter-se na casa da fazenda, foi submetido à exploração pelo dono da terra. Logo, o narrador nos leva a perceber que as humilhações e o abandono a que a família retirante é submetida não é só uma realidade vivida por Fabiano, sua mulher, seus filhos e pela cachorra Baleia, mas, sim, essa é a dificuldade de muitas outras famílias existentes no nordeste sertanejo do contexto histórico da década de 30 do século passado.

Nessa perspectiva, reiteramos que a narrativa vem denunciar o sofrimento causado pela seca. Ela castiga a população sertaneja, induz a cíclicas migrações em busca de melhores condições de vida, além de enfraquecer e matar o povo que nela perece. Suas causas podem ser frequentemente de ordens climáticas, mas também reforçamos que a este desamparo assoma-se a exploração do patrão, quando havia no que trabalhar.

Apreciamos ao longo do romance um acentuado desamparo social em diversos níveis, resultante das injustiças sofridas pelas camadas menos favorecidas da população que são oprimidas pela miséria e descaso político.

Grande parte da população não tem acesso à educação, saúde de qualidade, moradia, além de outros direitos indispensáveis, como o direito primordial à alimentação. Ter comida na mesa todos os dias é o básico que uma família pode ter, mas a família do retirante, com destaque não tinha. A fome é, portanto, uma constante em toda a narrativa:

A história narrada, embora não se passe toda em tempos de seca, mostra que a lembrança da seca e, portanto, da fome ronda a vida dos retirantes. Mesmo em tempos de “fartura” relativa, a vida é sempre miserável no sertão, visto que não há dinheiro para as necessidades básicas como o querosene, a chita de sinhá Vitória, sua cama, roupa para as crianças e alimentação adequada. (SILVA, 2014. p. 80)

O trecho nos mostra que a fome é cenário constante na narrativa. Mesmo quando ela não está presente, sua lembrança paira nos pensamentos dos retirantes. A vida é ruim sempre! Fabiano e sua família não tinham diariamente a segurança de uma refeição garantida, estavam sempre à procura de algo que pudesse servir para matar a fome em terras alheias.

É esta falta de terra própria, de um lugar propício ao sustento da família sem qualquer tipo de exploração, tendo o necessário para uma subsistência digna, que fez com que Fabiano abandonasse a fazenda que cuidara, uma vez que era frequentemente roubado pelo patrão, e saísse caatinga afora, passando fome junto à família, em busca de uma vida melhor e próspera.

Segundo Silva (2001, p.13), tal anseio de prosperidade mediante à migração pode ser projetado com mais ênfase através da esposa do vaqueiro. “Já Sinhá Vitória apesar das

mazelas provocadas pelas estiagens, sentia a esperança e alegria na vida. É ela, Sinhá Vitória quem dá ânimo à família, pois a mesma representa confiança de realizar os sonhos, de acordo com a própria denominação de seu nome ‘Vitória’.

Apesar da falta de oportunidade gerada pelas adversidades climáticas e pela opressão vivida pelo homem do campo, Fabiano e sua família almejam, como tantos outros “Fabianos” existentes, progredir e possuir um lugar de pertença na sociedade. Porém, na maioria das vezes para conseguir isto, acabam migrando de sua região para outra como podemos notar no capítulo XIII (Fuga). Nele, o vaqueiro e Sinhá Vitória nutrem um sonho:

Cultivariam um pedaço de terra. Mudar-se-iam depois para uma cidade, e os meninos frequentariam escolas, seriam diferentes deles (...)iriam para adiante, alcançariam uma terra desconhecida. Fabiano estava contente e acreditava nesta terra, (...) na cidade grande cheia de pessoas fortes, Os meninos em escolas, aprendendo coisas difíceis e necessárias (...) Chegariam a uma terra desconhecida e civilizada, ficariam presos nela. E o sertão continuaria a mandar gente Para lá. (RAMOS, 1977, p.134)

Nota-se, com isso, um desejo de progresso por parte da família de Fabiano. Contudo, esse progresso só será possível se houver a migração. Na terra - mãe, o Nordeste, não há espaço para que eles progridam. É necessário sair dali. É necessário deixar para trás o lugar que perpetua o sofrimento da família e dos demais nordestinos.

Os retirantes moram numa fazenda que era composta por uma casa, um curral, um chiqueiro das cabras, tinha o chão rachado devido a grande seca; pedras onde eram atiradas cobras mortas e, pés de juazeiro, quipás, mandacarus, xique-xiques, catingueiras, baraúnas.

A ambientação da fazenda compreendia uma paisagem característica de grande parte do Nordeste como um todo, cheia de imagens de fazendas que compreendem o sertão nordestino, uma vez que não fica claro na narrativa onde a fazenda se localiza, conforme sua unidade federativa.

Nessa perspectiva, tais paisagens de seca replicam sua localização mais social, uma vez que não é apenas uma família, um lugar ou um sofrimento territorialmente marcados, mas, paisagens que retratam a seca e suas misérias em vários lugares do semiárido.

Portanto, a fala das personagens na citação nos sugere que ali, na sua região, não é possível prosperar e, de fato, eles precisam partir para uma terra distante onde haja mais oportunidades e seus filhos consigam conquistar o que eles não tiveram condições de lhes oferecer e, imprescindivelmente, frequentar a escola, lugar que os projetariam para um mundo melhor e mais justo.

4- O Silêncio Como Formação Discursiva

A aquisição da linguagem, bem como a capacidade de usá-la, de forma funcional e interativa, faz-se necessária uma vez que é na e pela linguagem que o homem se constitui sujeito.

Por isso, as diferentes perspectivas de mundo são introjetadas como instrumentos de conhecimento e comunicação entre as pessoas a partir das diversas formações ideológicas que as integram.

Podemos conferir, então, que a formação discursiva traz em si um apanhado de discursos que se entrecruzam e geram novos discursos de acordo com os sujeitos que os enunciam, bem como as condições de produção específicas e historicamente definidas, por esses mesmos discursos.

Nesse sentido, o tratamento da linguagem, ou da ausência dela, torna-se a questão principal deste trabalho, uma vez que nosso objetivo é analisar o discurso produzido pelo silêncio das personagens. Fabiano e sua família, além de sofrerem muito por causa da seca, da fome, e do desamparo social, também sofrem demasiadamente por não possuir o direito à fala ou, ainda, por saber ou poder apenas usá-la de forma tão limitada, como a fala da personagem Fabiano nos sugere.

Assim como não tiveram oportunidade de ter seu pedaço de terra, moradia digna e demais direitos a serem assegurados, a esses retirantes também não foi concedido “o direito de falar”, de posicionar-se frente a todas essas adversidades vivenciadas através da comunicação, uma vez que eles não tiveram a oportunidade de frequentar a escola, sendo escasso todo tipo de instrução.

No decorrer da obra, a família praticamente não usa um vocabulário e, quando assim o fazem, é de forma precária, limitada e, na maioria das vezes, com o auxílio de gestos, ato que os ajudam a ser entendidos pelo(s) outro(s)

Fabiano também não sabia falar. As vezes largava nomes arrevesados, por embromação. Via perfeitamente que tudo era besteira [...] O pequeno sentou-se, acomodou nas pernas a cabeça da cachorra, pôs-se a contar-lhe baixinho uma história. Tinha um vocabulário quase tão minguado como o do papagaio que morrera no tempo da seca. Valia-se, pois, de exclamações e de gestos. (RAMOS, 1977, p. 39-59)

No trecho, fica evidente o pouco uso da linguagem dos personagens na obra. Elas sempre tentam os diálogos, que nunca vingam pelo simples fato de não conseguirem se

expressar adequadamente e limitam-se portanto, a gesticular, ou ainda, limitam-se, ao silêncio mesmo. O papagaio mencionado foi morto em um período crítico de seca, por não ter serventia. Mesmo apresentando aptidão à fala rápida e corriqueira por estímulo da repetição, a ave não sabia falar pois raramente ouvia seus donos conversando, e o que lhe sobrava, eram os latidos da cachorra. Matar o papagaio que não tinha serventia, naquele momento então, foi uma das formas que a família de retirantes encontrou para saciar a fome.

Sem o domínio da palavra, a família parece estar fora do alcance dos direitos assegurados pela lei, excluídos, sozinhos, animalizados e à margem de toda visibilidade da sociedade. Silenciados, eles não têm voz nem vez para nada reivindicar. Estão, pois, esquecidos enquanto cidadãos, embora mesmo calados eles falem, à medida que seus silêncios sugerem ao leitor que a família de Fabiano está abandonada a sua própria sorte e esta é, de fato, uma das grandes ambivalências que a obra revela: a produção de um silêncio que significa.

Desse modo, esse silêncio não é vazio ou sem sentido, mas dotado de instâncias significativas capazes de enunciar informações relevantes que se mostram sob a forma do implícito e do subjacente. Assim, os retirantes acabam instaurando na maioria das vezes o silêncio como linguagem discursiva não verbal. “O silêncio trabalha assim os limites das formações discursivas, determinando conseqüentemente os limites do dizer” (ORLANDI, 2007, p.74). Eis, então, a presença do silêncio constitutivo, sendo necessário o não dizer para poder dizer, assim, dizer pela negação.

Logo, o tratamento da linguagem reside em cima dos processos de produção de sentidos a partir das implicações histórico-sociais e dos lugares de posição enunciativa como bem consideram Fernandes (2008) e Orlandi (2007).

Nessa perspectiva, a linguagem é concebida como ação transformadora. Tomar a palavra é um ato social com todas as suas implicações, com seus conflitos e reconhecimentos, bem como pelas relações de poder e constituição de identidades.

Ajustando a análise à teoria do discurso, consideramos as personagens como sujeitos discursivos, inseridos em determinada conjuntura social; uma família de retirantes do nordeste brasileiro, que vive migrando em busca de melhores condições de vida, e que, através de seu silêncio, inscrito no gesto e no “vocabulário quase tão minguado”, enunciam-se e representam tantos outros em igual condição de sofrimento e desamparo. Nesse sentido, a família de retirantes torna-se na narrativa sujeitos discursivos que expõem seu sofrimento, expondo também o sofrimento de tantos outros sertanejos

O sujeito discursivo deve ser considerado sempre como um ser social, apreendido em um espaço coletivo; portanto, trata-se de um sujeito não fundamentado em uma individualidade, em um “eu” individualizado, e sim um sujeito que tem existência em um espaço social [...] o sujeito discursivo não é o centro do seu dizer, em sua voz um conjunto de outras vozes, heterogêneas se manifestam. (FENANDES, 2008, p. 21-24)

Nesse contexto, a família de Fabiano se assemelha a muitas outras que não têm voz e que passam pelos mesmos problemas, silenciados por uma incomunicabilidade social, o que resulta num apagamento social desses sertanejos junto à sociedade. Na maioria das vezes a denúncia é feita pelo narrador mesmo. Contudo, através desse silêncio, os personagens significam na fala e em sua ausência. “É nesse nível que funciona a “forclusão” do sentido, o silêncio constitutivo, ou seja, o mecanismo que põe em funcionamento o conjunto do que é preciso não dizer para poder dizer” (ORLANDI, 2007, p.74). É perceptível a crítica que a obra realiza em face de toda forma de injustiça que a família vivencia. Podemos, então, dizer que *Vidas Secas* é marcada pela manifestação do discurso através do silêncio, exibido, especialmente através do silenciamento das personagens.

Nesse ponto um Soldado Amarelo aproximou-se e bateu familiarmente no ombro de Fabiano: - Como é, camarada? Vamos jogar um trinta-e-um lá dentro? Fabiano atentou na farda com respeito e gaguejou, procurando as palavras de Seu Tomás da bolandeira: - Isto é. Vamos e não vamos. Quer dizer, Enfim, contanto, etc. É conforme. Levantou-se caminhou atrás do amarelo, que era autoridade e mandava. Fabiano sempre havia obedecido. Tinha muque e substância, mas pensava pouco, desejava pouco e obedecia. (RAMOS, 1977, p.29)

A partir do trecho percebemos o quanto Fabiano se sente intimidado pelo soldado a entrar na bodega e ir jogar com ele. O retirante tenta dizer um não, através das palavras que via seu Tomás da Bolandeira pronunciar, porém, mais uma vez por não saber articular sua fala de forma coerente, viu-se obrigado a obedecer ao soldado e novamente Fabiano não teve como se defender através de palavra.

Verificamos, então, na passagem do capítulo III – “CADEIA”, uma produção discursiva através da qual Fabiano é silenciado pelo Soldado Amarelo, uma vez que este representa a lei e aquele, por sua vez, representa o povo socialmente menos favorecido. Fabiano tenta proferir algumas palavras, mas sem sucesso, silencia e segue-o:

Fabiano é silenciado pelo Soldado Amarelo representante legal da instituição Governo, que, para a visão de Fabiano, era o supremo mandatário da sociedade e que nunca deveria ser questionado. Essa interpretação de Fabiano acontece por meio das condições sociais, ideológicas, econômicas e culturais próprias à sua constituição como sujeito discursivo”. (RAMOS 2009, p. 77)

Conferimos no trecho atitudes que não são individuais nem de uma parte, nem da outra, mas, sim, a relação de classes sociais em conflito. O retirante representa o povo submisso e o Soldado Amarelo representa o governo, o poder maior que sempre deve ser respeitado. Fabiano posiciona-se numa formação ideológica, social e econômica; e o Soldado, em outra. E é, pois, segundo as posições que os sujeitos discursivos ocupam, que os sentidos são construídos.

É nítida a quase intimação através do discurso dominante, discurso este que simboliza o poder do opressor em detrimento do oprimido, que o Soldado Amarelo realiza para conseguir que Fabiano vá jogar com ele. Neste caso, o silenciar de Fabiano é como o falar de uma outra forma, é representar-se como sujeito inferiorizado incapaz de transgredir tal posição e obedecer por finalidade:

– Como é, camarada? Vamos jogar um trinta-e-um lá dentro? Fabiano atentou na farda com respeito e gaguejou, procurando as palavras de Seu Tomás da bolandeira: - Isto é. Vamos e não vamos. Quer dizer, Enfim, contanto, etc. É conforme. (RAMOS, 1977, p. 29). “

O retirante não consegue dizer um não, porque não sabe articular as palavras de forma coerente e por não ter boa articulação linguística, clareza na comunicação, uma boa dicção nem domínio linguístico para sua defesa, e é facilmente engabelado pelo homem da lei.

Os aspectos ideológicos e políticos, no discurso apresentam-se semanticamente relevantes, pois refletem, na interação entre os sujeitos, o lugar histórico- social de onde o discurso é produzido[...] Nessa perspectiva, as relações de poder se constroem, e as representações de poder confrontam e alteram-se. (FERNANDES, 2008, p. 47)

Portanto, vemos que as relações de poder instauradas pelos lugares sociais ocupados pelas personagens, nutridas, principalmente pelo não uso, ou o uso de forma ineficaz da linguagem, vão permear boa parte da narrativa. “Era bruto sim senhor, nunca havia aprendido, não sabia explicar-se. Estava preso por isso? Como era? Então mete-se um homem na cadeia por que ele não sabe falar direito? (RAMOS, 1977, p. 38).

Mais uma vez pode-se constatar o uso do poder sob Fabiano, preso injustamente, simplesmente por responder à provocação do Soldado Amarelo e, por conseguinte, não saber articular-se linguisticamente para construção de sua defesa. Há nisso, portanto, uma exclusão social resultante da exclusão linguística.

Outro momento durante a narrativa em que Fabiano é lesado, e nada pode fazer por não saber se expressar, acontece no capítulo 10- Contas:

Sentou-se numa calçada, tirou do bolso o dinheiro, examinou-o, procurando adivinhar quanto lhe tinham furtado. Não podia dizer em voz alta que aquilo era um furto, mas era. Tomavam-lhe o gado quase de graça e ainda inventavam juro. Que juro! O que havia era safadeza (RAMOS,1977, p.100)

Tal passagem remete à parte de Fabiano na partilha do gado, parte esta da qual o patrão afana a metade. Fabiano sabia que o gado valia mais e que ele tinha direito a esta quantia. No entanto, o vaqueiro teve sua parte diminuída, pois o dono da fazenda alega que se trata dos os juros a serem pagos.

Ainda no capítulo Contas, o retirante é mais uma vez lesado numa cobrança de imposto, pelo fiscal da prefeitura, a respeito da comercialização da carne de um porco na calçada da cidade.

Mas o cobrador da prefeitura chegara com o recibo e atrapalhara-o. [...] Supunha que a cevada era dele. Agora se a prefeitura tinha uma parte, estava acabado. Pois ia voltar para casa e comer a carne. [...] Ouvira falar em juros e em prazos. Isto lhe dera uma impressão bastante penosa: sempre que os homens sabidos lhe diziam palavras difíceis, ele saía logrado. Sobressaltava-se escutando-as. Evidentemente só serviam para encobrir ladroeiros. Mas eram bonitas. As vezes decorava algumas e empregava-as fora de propósito. Depois, esqueci-as. (RAMOS, 1977, p. 101)

Nesta passagem Fabiano fica insatisfeito com a cobrança. Refere-se aos cobradores da prefeitura como “homens sabidos”. A voz do narrador onisciente revela a consciência de Fabiano que está sendo lesado e deixa transparecer isso quando diz que as palavras difíceis só serviam para encobrir ladroeiros, no entanto, as achavam bonitas ao ponto de decorar algumas para tentar pronunciar em algum momento fora de propósito.

Ambas as situações revelam a exploração existente em todas as instâncias pelas quais frequentemente o retirante e sua família passavam, principalmente por não saberem usar do argumento para diminuir tais explorações. “Fabiano é obrigado a aceitar a injustiça, sem se manifestar discursivamente por contestação” (RAMOS, 2009, p. 77). Eis uma questão relevante na narrativa para esta análise que se configura na representação do poder.

Vemos o comportamento de Fabiano diante do abuso de poder através do discurso daqueles que exercem cargos que lhes atribuem poder como “o patrão”, “o fiscal” e “o soldado amarelo” que simplesmente o exploram e oprimem, porque não sabe se expressar nem para se defender, caracterizando, pois, um silenciamento que se torna constante em sua vida,

fortalecendo na narrativa a representação constante de oposições entre “sujeitos” e “poder” de acordo com a classe social a que pertencem.

Na narrativa, o sertanejo tem plena consciência de que se soubesse falar direito, usar a palavra, a qual considera tão bonita e libertadora, sofreria menos na vida. Teria, pois, um trunfo nas mãos que o ajudaria a ter uma vida menos dura e as explorações, com certeza, não ocorreriam, ou, ainda, seriam menores.

O retirante acredita nisso ao passo que se inspira em seu Tomás da Bolandeira. Fabiano achava linda a forma de seu Tomás se expressar e sabia que a palavra era sua maior arma de defesa:

O vocabulário dele era pequeno, mas em horas de comunicabilidade enriquecia-se com algumas expressões de Seu Tomás da bolandeira [...] Seu Tomás daria informações. Fossem perguntar a ele. Homem bom, seu Tomás da bolandeira, homem aprendido. (RAMOS, 1977, p. 29-38)

Seu Tomás da Bolandeira é uma personagem presente apenas na lembrança da família, pois já havia morrido, e eles tinham-no, portanto, como um exemplo de pessoa que sabia muito bem se defender usando a linguagem. A personagem frequentara a escola, era sabido e usava palavras bonitas. Isso era fascinante para Fabiano e à esposa. O primeiro admira sua inteligência, linguagem sofisticada e o toma como referência, tentando sempre imitá-lo vez ou outra. Enquanto Sinhá Vitória deseja possuir uma cama de couro igual à de Seu Tomás.

Na narrativa, a palavra é tratada como sinônimo de defesa. Quem a possui sabe se defender, quem não a possui sofre muito, como Fabiano sofria.

Entretanto, embora os retirantes sofram por não ter a palavra como aliada frente aos discursos dominantes de seus opressores, eles também se apresentam, por vezes, como opressores, dentro da hierarquia familiar, e justamente com os seres que não possuem, por natureza, o direito de falar. No primeiro capítulo, Mudança, o papagaio foi sacrificado por Sinhá Vitória para servir de alimento à família justamente por não saber falar e, conseqüentemente, não ter serventia.

Despertara-a um grito áspero, vira de perto a realidade e o papagaio, que andava furioso, com os pés apalhetados, numa atitude ridícula. Resolvera de supetão aproveitá-lo como alimento e justificara-se a si mesma que ele era mudo e inútil. Não podia deixar de ser mudo. Ordinariamente a família falava pouco e depois daquele desastre viviam todos calados, raramente soltavam palavras curtas. (RAMOS, 1977, p. 12)

Depreende-se da citação que o papagaio era “inútil” por ser “mudo.” Servira apenas de alimento momentâneo. Apesar de papagaios conseguirem imitar e reproduzir palavras ditas, este, em especial, não conseguia, uma vez que a família, com a qual quem convive é silenciosa, restando apenas ouvir na maioria das vezes os sons emitidos por Baleia: “O louro aboiava, tangendo um gado inexistente, e latia arremedando a cachorra” (RAMOS, 1977, p. 12)

A ave não reproduz palavras, pois, quase não escuta palavras no dia a dia e como tal espécie assimila-as pelo processo de repetição, era praticamente impossível aprendê-las tendo em vista que não as escutava. Logo, por não saber falar, foi imolada, através do processo de subordinação à família de Fabiano; tal qual a de Fabiano: ao Fiscal, ao Soldado e ao patrão.

Mais uma vez, vemos o silenciamento marcado pelas relações de poder. O papagaio não falava, logo, no tocante a sua função que é de entreter, estava sendo falho e por isso não faria falta nenhuma à família e seria naquele momento mais útil servindo de alimento.

Nessa acepção, reiteramos que o tratamento da linguagem na obra é um ponto crucial. As falas limitadas quase reduzidas ao silêncio ou às inúmeras tentativas de proferir discursos coerentes, sem sucesso, fazem com que a família de retirantes reforce a teoria de que é também pelo discurso que delimitamos nossos lugares de pertença na sociedade e, uma vez pertencendo a um lugar discursivo, temos direitos que nos devem ser garantidos, independente da classe social da qual fazemos parte.

5 – Seca: flagelo de uma geração

A década de 30 gerou uma produção literária que buscou priorizar os problemas sociais do Nordeste como também uma visão crítica das relações humanas. Nesse contexto, em 1938, o romancista Graciliano Ramos (1892- 1953) publica *Vidas Secas*, sua obra de maior destaque, voltada para os dramas sociais e geográficos de sua região, tendo a seca e opressão social como duas vertentes significativas para a confirmação de uma literatura que se tornou conhecida mundialmente.

O autor se destaca internacionalmente ao passo que traz um diferencial em relação aos outros romancistas de sua época por, mostrar suas personagens de dentro para fora, através de um narrador onisciente que expõe seus medos, desejos e angustias, inovando ao apresentar a natureza humana como ponto crucial em sua obra.

Consideramos *Vidas Secas*, apresentada em treze capítulos que independem, porém integram um todo uma vez que a luta pela vida se faz presente em cada um desses capítulos,

uma das mais significativas obras literárias de nossa literatura brasileira. O romance relata a condição subumana de sobrevivência dos sertanejos em tempos de seca, mas, sobretudo, a constante exploração social apresentada pelo narrador, condicionada pela limitação linguística que os retirantes apresentam em toda a obra.

De fato, a linguagem do romance tornou-se o nosso objeto de análise: a narrativa e as personagens, compreendidas como sujeitos discursivos, e suas implicações linguísticas nas diversas formações discursivas e situações de produção identificadas na obra. Logo, a família de Fabiano sofre demasiadamente por não possuir o direito à fala. A eles, nunca foi dado o direito de saber, de questionar e, são assim, frequentemente submetidos à exploração, opressão e exclusão em todos os âmbitos.

ABSTRACT

This study aims to analyze the speech explained the silence in the work *Vidas Secas* (1938) by Graciliano Ramos, published in 1938. In this perspective, we consider the family of refugees from situations of interaction between them and with the environment they are inserted, noting the importance that language plays in the work, considering the discursive productions by the bias of discourse analysis. Understand the speeches issued by speech limited, or even the absence of Fabiano's words and his family, as a form of social criticism, given the injustices which means the family is thrown. The approach also involves considering the historical, political, social, ideological and cultural permeating such productions, from the analysis of the "silence" presented by these migrants, in order to reveal the social and discursive helplessness in which they live. We take as theoretical support the Fernandes studies (2008); Orlandi (2007); Ramos (2009); Silva (2001) and Silva (2014)

REFERÊNCIAS

- FERNANDES, CA. **Análise do discurso: Reflexões introdutórias**. Editora Claraluz. 2008
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio: No movimento dos sentidos**. 2007
- RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. 1977
- RAMOS, Málder Dias. **O silêncio em Vidas Secas**. 25 de junho de 2009, 86 folhas. (Dissertação de mestrado). Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de Letras e Linguística, 2009.
- SILVA, Jacklaine Almeida da silva. **Infâncias Secas: O flagelo da fome no modernismo o nordeste**. Março de 2014, 142 folhas. Universidade Federal da Paraíba.
- SILVA, Maria de Nazaré. **A secura do mundo seca a palavra de Fabiano**. Universidade da Amazônia, 2001